

## **COMPREENDER, RELATIVIZAR E DESCONSTRUIR: OS DISCURSOS DO RISCO NA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE ESPORTES DE AVENTURA**

**Recebido em:** 14/12/2014

**Aceito em:** 05/10/2015

*Diego Luz Moura*  
Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)  
Petrolina – PE – Brasil

*Marcos Santos Ferreira*  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

*Antonio Jorge Gonçalves Soares*  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é investigar os discursos relacionados ao risco na produção acadêmica sobre esportes de aventura em periódicos especializados. Realizamos um levantamento em 6 periódicos nacionais e um periódico português. O período pesquisado foi do ano 2000/2010 e encontramos um total de 13 artigos. Analisando os artigos encontramos quatro discursos associados a esta produção: a) risco como catalizador de emoções; b) racionalização dos riscos; c) fuga da rotina e; d) a consciência ecológica. Apontamos ao final que a produção nos permite compreender, relativizar e desconstruir o entendimento do risco no esporte.

**PALAVRAS CHAVE:** Atividades de Lazer. Esportes. Risco.

### **UNDERSTAND, RELATIVIZE AND DECONSTRUCT: THE SPEECHES OF RISK IN ACADEMIC PRODUCTION ON SPORTS ADVENTURE**

**ABSTRACT:** The objective of the present study was to investigate the discussed in academic studies on risk in adventure sports. We conducted a survey in six national journals and periodical Portuguese. With this aim, one Portuguese and six Brazilian periodicals published from 2000 to 2010 were analyzed. A total of thirteen studies on risk in adventure sports were found, and four different speeches associated with this production: a) risk as an emotion catalyzer; b) rationalization of risks; c) escape from routine and; d) ecological awareness. We point to the final production enables us to understand, deconstruct and relativize the understanding of risk in sport.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Sports. Risk.

## **Introdução**

O risco é uma forma de se relacionar com o futuro. O termo risco surge ainda na pré-modernidade, especificamente na transição entre a sociedade feudal e as novas formas de organização social que dariam origem aos Estados-nação (SPINK, 2001). Estava inicialmente associado aos perigos da humanidade tanto por desastres e fatalidades naturais, quanto pelas guerras.

Lupton (1999) analisa que a emergência do termo risco surgiu com as grandes navegações da pré-modernidade. Foi neste período que invenções como a caravela e a bússola foram aliadas à nova necessidade de expansão das navegações para além do Mar Mediterrâneo.

Com o advento da Modernidade, emergem novos aparatos de previsão como a teoria da probabilidade e a estatística que se tornaram ferramentas para a quantificação. Consolida-se, assim, a moderna noção de risco, fundada, sobretudo, na ideia de antecipação do futuro mediante estimativa probabilística (FERREIRA, 2009; LUPTON, 1999).

De acordo com Giddens (2002), a modernidade instaurou uma cultura do risco, mas não no sentido de que a vida moderna é mais arriscada que em outros períodos. Esta cultura de risco está relacionada ao modo como a modernidade introduz novos parâmetros de risco, poucos conhecidos em épocas anteriores. Portanto, de acordo com Giddens (2002), viver na modernidade é conviver em um ambiente de oportunidade e risco constante. Se por um lado o risco de morte devido às doenças e outras enfermidades diminuíram, por outro, a modernidade instalou incertezas relacionadas aos perigos decorrentes dos desastres em larga escala ou de alta consequência, como as

guerras, desastres naturais entre outros. Há, de fato, um descontrole em relação a desastres em grandes escalas como guerras nucleares.

No presente, não sabemos se vivemos em um mundo mais arriscado do que o das gerações passadas, uma vez que o problema não está na “quantidade” do risco. A diferença entre o passado e o presente é que hoje sabemos que é impossível controlar as consequências de algumas decisões civilizacionais. É neste contexto que Beck (1992) e Giddens (2002) utilizam o termo “incertezas fabricadas”.

Segundo Douglas e Wildavsky (1982), o risco é construído através da interação social, e, por vezes, configura-se como algo incontrolável, visto que nem sempre conseguimos saber se nossas ações são suficientemente seguras para prevenir a ocorrência de acidentes ou de efeitos indesejados. Além disso, ninguém consegue conhecer mais do que uma pequena fração dos perigos ou dos riscos que se encontram ao seu redor. Assim, a visão dos atores sociais sobre os riscos aos quais estão sujeitos é sempre parcial ou incompleta.

Neste contexto surgem novos movimentos sociais, pois os riscos extrapolam as fronteiras temporais: não apenas nós, mas as gerações futuras estão em risco. Não que em períodos pré-modernos não existissem riscos que afetassem a coletividade de maneira geral, como a falta de higienização que deu origem a uma série de epidemias. O potencial de abrangência desses riscos, porém, era menor em comparação com os riscos atuais. Os riscos da modernidade estão relacionados com complexos processos como acidentes nucleares ou atentados terroristas.

Se por um lado, a modernidade constrói mecanismos de controle dos riscos, por outro, cria espaços para apreciação das sensações de alto risco. Giddens (2002) denomina de ambientes institucionalizados do risco, os espaços onde o risco é aceito de

forma consciente pelos indivíduos. Estes ambientes institucionalizados podem ser de fins financeiros como a bolsa de valores, assim como para o simples desejo de experimentar o risco como nos chamados esportes de aventura.

A busca do risco como um elemento que pode provocar vertigem e sensações positivas nos possibilita entender que a noção do risco ganhou novos significados na modernidade. Desta forma, podemos argumentar que há uma série de novos discursos e sentidos acerca do risco na sociedade. O termo risco estava inicialmente associado aos perigos da humanidade quer seja por desastres e fatalidades naturais, quer seja pelas guerras.

Podemos argumentar que há novos discursos e sentidos acerca do risco na sociedade. De acordo com Spink (2001), a modernidade inaugura uma concepção de risco positivo. Nesta concepção o risco está associado a efeitos ou sensações positivas que proporciona aos indivíduos. Enquanto o risco negativo é algo a ser evitado a todo custo, o risco positivo é algo buscado pelos indivíduos sob o propósito de experimentarem uma série de sensações relacionadas com a aventura, o desafio e a vertigem (SPINK, 2001).

Neste sentido, os esportes de aventura<sup>1</sup> ganharam espaço e destaque. E, por configurar em um novo fenômeno social, foram incorporados ao debate acadêmico. Entretanto, ainda é emergente o debate sobre os esportes de aventura na produção acadêmica da educação física. De acordo com Dickson e Dolnicar (2004), os estudos sobre risco percebido tem sido realizados principalmente no campo do turismo. Em geral, estes estudos buscam dar mais atratividade para os usuários, na medida em que o turismo de aventura se populariza em diversos países.

---

<sup>1</sup> A utilização do termo esporte para designar as atividades de aventura ainda é polêmica. Neste artigo optamos em utilizar o termo esporte de aventura, apoiado nas reflexões de Dias; Melo e Alves Junior (2007) que defendem a possibilidade de utilização do termo esporte para as práticas de aventura.

Geralmente estas práticas estão em ambientes naturais, em contato direto com a natureza; modalidades como o rafting, rappel, skate, escalada, corrida de orientação, voo livre, paraquedismo, montanhismo, dentre outras, ganharam visibilidade e atenção nas últimas décadas. Neste sentido, nosso objetivo é investigar os discursos relacionados ao risco na produção acadêmica sobre esportes de aventura em periódicos especializados do campo da educação física.

## **Metodologia**

Foi realizado um levantamento da produção acadêmica sobre o risco no esporte. Optamos em denominar esportes de aventura todas as atividades corporais em que o risco é um elemento inerente e fundamental.

Realizamos um levantamento nos principais periódicos nacionais e um periódico português do campo acadêmico do esporte. Os periódicos pesquisados foram: Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Revista Movimento, Revista Motriz, Revista Pensar a Prática, Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, Revista Esporte e Sociedade, Revista Portuguesa de Ciências do Desporto.

Escolhemos os periódicos acima por possuírem representatividade no campo da educação física e do esporte. Todos são periódicos de instituições com pós-graduação em educação física ou de entidades científicas. Incluímos a revista portuguesa de ciência do desporto por ser o periódico português que possui melhor avaliação nos parâmetros nacionais de avaliação.

O período pesquisado compreendeu os anos de 2000/2010 e o critério de inclusão foi o fato de utilizar a categoria risco como objeto de análise. O procedimento de seleção e análise dos artigos obedeceu as seguintes etapas: a) leitura de todos os

títulos e/ou resumos dos artigos publicados; b) levantamento de artigos que tratassem do tema esporte de aventura; c) leitura dos resumos dos artigos com propósito de investigar quais buscavam discutir especificamente o componente risco; d) leitura completa dos artigos e; e) construção de categorias analíticas. Encontramos um total de 13 artigos, conforme podemos observar no Quadro abaixo.

**Quadro 1:** Produção acadêmica sobre risco nos esportes de aventura (2000-2010) em seis periódicos nacionais e um português

<b>Periódico</b>	<b>Autores/Ano</b>	<b>Título</b>
<b>Motriz</b>	Silva e Freitas (2010)	Emoções e riscos nas práticas na natureza: uma revisão sistemática.
	Marinho (2009)	Lazer, aventura e ficção: possibilidades para refletir sobre as atividades realizadas na natureza.
	Gomes e Isayama (2009)	Corridas de aventura e lazer: um percurso analítico para além das trilhas.
	Tahara, Carnicelli Filho e Schwartz (2006)	Meio ambiente e atividades de aventura: significados de participação.
<b>Movimento</b>	Marinho (2008)	Lazer, aventura e risco: reflexões sobre as atividades realizadas na natureza.
	Pimentel (2008)	Ritos e riscos na prática do vôo livre.
<b>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</b>	Pimentel (2010)	Percepção dos riscos, condicionamento corporal e interações sociais no vôo livre.
	LeBreton (2007)	Aqueles que vão para o mar: o risco e o mar.
	Marinho (2001)	Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos.
<b>Revista Portuguesa de Ciência do Desporto</b>	Carvalho e Pereira (2008)	Percursos alternativos: o parkour enquanto fenômeno (sub)cultural.
	Pereira (2005)	O alpinismo: uma experiência no (pelo) corpo.
<b>Revista Brasileira de Educação Física e Esporte</b>	Lavoura, Schwartz e Machado (2008)	Aspectos emocionais da prática de atividade de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos.
<b>Revista Esporte e Sociedade</b>	Rocha (2008)	B.A.S.E jump, risco e emoção: uma experiência para dar sentido à vida.

## **Resultados**

Analisando a produção verificamos sobre a narrativa do risco nos esportes e construímos quatro categorias analíticas: a) Risco como catalizador de emoções; b) Racionalização dos riscos; c) A fuga da rotina e; d) A consciência ecológica. Estas categorias foram construídas após a leitura do material por se configurarem em núcleos temáticos norteadores dos artigos pesquisados.

### **a) Risco como catalizador de emoções**

O discurso do risco como catalisador de emoções se encontra na literatura apoiada na ideia de que atividades consideradas arriscadas ou perigosas poderiam promover um escoamento das tensões e emoções de forma a aliviar as tensões negativas. Esta ideia remonta o surgimento do esporte moderno no século XVIII, quando as práticas esportivas foram inseridas nas escolas públicas inglesas com objetivo de diminuir a violência ou deslocá-la do âmbito social para o esporte a partir da inserção de regras. É neste contexto que surge a primeira institucionalização de regras do esporte moderno (ELIAS, 1992).

No caso dos esportes de aventura, o risco é o principal elemento elencado como desencadeador de emoções. Este apelo ao risco como motivação de ingresso e permanência em esportes de aventura é uma característica da modernidade, pois em contextos pré-modernos não havia necessidade de se criar cenários especiais para a vivência de emoções ou de uma busca pelo risco. As emoções eram vividas no contexto da festa, da guerra, da religião (ELIAS, 1992). Podemos observar que há similaridades com o debate de risco na produção levantada do termo excitação agradável utilizado por Elias (1992).

Os artigos analisados são unânimes em apontar como o esporte de aventura é responsável por esta busca de excitação na linguagem de Elias (1992). Pereira (2005), em pesquisa com alpinistas, apontou que parece existir uma fronteira muito tênue entre o sofrimento e o esforço árduo. No mesmo sentido Lavoura; Schwartz e Machado (2008) identificaram que receio e prazer são as principais sensações vividas por praticantes de rappel. Vejamos algumas citações:

[...] risco e emoção, associados, assumem um caráter positivo, sob perspectiva da sua experimentação o que leva a crer que o enfrentamento de situações que ofereçam algum nível de risco provoca certa emoção agradável e compensadora (ROCHA, 2008, p.2).

Os esforços sentidos e ‘gozados’ expressam uma ‘audição do corpo’, parecendo que o alpinismo é dominado pela procura do prazer, do dinamismo energético e da experiência de si próprio [...] A valorização do esforço parece catalisar a superação de si próprio e a necessidade de ultrapassar obstáculos permitindo, conseqüentemente, a realização de si (PEREIRA, 2005, p.316).

Podemos perceber que em todos estes estudos o componente catártico da excitação está centralizado no discurso dos atores sociais envolvidos na pesquisa. De acordo com Elias (1992, p.116) “A excitação é o condimento de todas as satisfações próprias dos divertimentos”. Elias aponta que a busca pela excitação é o resultado de um processo social de longo prazo chamado de processo civilizador. Este processo possibilitou uma organização social de controle da excitação mais efetiva nas situações de controle público e privado de ações emotivas e nas situações de crise, pois estas se tornaram mais impessoais.

Portanto, de uma forma geral, para ser considerado normal, espera-se que os indivíduos sejam capazes de controlar sua excitação ou buscá-la controladamente. Elias

(1992) aponta que o controle social dos tempos recentes demonstra de forma mais clara a função do esporte e lazer, pois estes atuam como uma atividade mimética que libera emoções na vida ordinária. Elias argumenta que a procura pelas atividades que demandam excitação não tem como função atenuar as tensões, mas, pelo contrário, criar um tipo específico de tensão, uma forma de excitação relacionada com a vida cotidiana. Portanto, o aumento da tensão é um ingrediente essencial em todos os tipos de divertimentos de lazer e em especial nos esportes de risco.

É importante salientar que a teoria de Elias leva em consideração o crescimento do esporte moderno principalmente aqueles que envolvem confronto e utilização de violência legítima como o boxe ou o Rugby. Nestas modalidades o componente catártico se encontra de maneira mais explícita pois as emoções estão manifestadas no contato direto com o corpo. Interessante marcar que no caso dos esportes de aventura o componente catártico se desloca da violência para a experiência da sensação do risco.

#### **b) Racionalização dos riscos**

Se por um lado, os esportes de aventura e demais atividades de lazer tem como objetivo criar um tipo de tensão específica, por outro lado, esta tensão é negociada de forma consciente pelo praticante. Logo, podemos afirmar que há uma racionalização dos riscos.

Nos esportes de aventura, o discurso que comumente se vincula é que estas práticas possuem extremo risco e com grande margem de incertezas. Estas narrativas são por vezes construídas e disseminadas pelos próprios praticantes e empresas que patrocinam estes eventos, mesmo que o índice de acidentes seja ínfimo.

Analisando a produção acadêmica, podemos verificar que os artigos buscam ressaltar as incertezas e adversidades que estas práticas podem proporcionar. Marinho (2008) aponta que os esportes de aventura se caracterizam pela busca deliberada do risco e a relativa incerteza do resultado. Rocha (2008) aponta que risco e medo assumem um caráter positivo na experiência, uma vez que vencer o medo, significa também superar os limites e vencer desafios.

Embora o senso comum veja os esportes de aventura como instáveis e perigosos, existem racionalizações dos riscos por meio de técnicas e equipamentos de segurança. (PIMENTEL, 2008). Podemos perceber que a insegurança e o risco descrito nos artigos referem mais a uma estética de risco do que a uma possibilidade de risco real. Esta estética de risco produz e intensifica a sensação de risco que é produzida através das interações dos atores sociais (DOUGLAS; WILDAVSKY 1982).

É a partir desta construção social que o praticante experimenta as sensações do risco, que geralmente denominam de adrenalina ou vertigem. A estética do risco atua como uma forma de mimese. De acordo com Elias (1992), a mimese é uma forma de apropriação de sentimentos e emoções que estão na vida real, mas que foram transpostos e combinados com o prazer. De acordo com Elias, na tensão da vida real as pessoas poderiam perder o controle e tornarem-se uma ameaça para si e para os outros, mas a mimese é desprovida de perigo e possui apelo catártico. O desejo de participar pode diminuir se tais riscos não existirem, mas por outro lado, o excesso de risco em uma atividade pode resultar na diminuição de satisfação e, até mesmo, na perda do desejo de participação. Por isso são evidenciados sentimentos como sofrimento em Pereira (2005). O que mostra que o risco produzido nos esportes de aventura é um risco controlado a partir de técnicas de segurança e de recursos tecnologicamente avançados.

Outro ponto presente na argumentação dos autores analisados é o romantismo, ao indicarem que as atividades beneficiariam uma relação mística dos praticantes com a transcendência. De acordo com Lovisolo (2002, p.6):

O tipo ideal romântico, por seu lado, emerge na junção das categorias românticas com o reconhecimento da paixão e gostos positivos do observador em relação ao esporte, que fundamentam o entendimento interior que, no caso da estética romântica, significa usufruir, sentir prazer com a obra de arte e recriá-la, ou seja, ser também o artista. A emoção que provoca o gesto esportivo nos faz participar de sua criação ou recriação.

Peil e Lovisolo (2010) apontam que o esporte é, antes de tudo, é uma expressão do romantismo na medida em que valoriza a emoção em detrimento da razão. Nos artigos analisados é possível perceber que os autores, ao descreverem o esporte de risco e sua prática, operam com narrativas românticas, pois revelam um gosto positivo em relação à prática descrita. Vejamos:

O indivíduo encontra esse sentido extra que dota sua existência, mesmo que seja apenas por um instante, de unidade e de plenitude (LEBRETON 2007, p11).

O contato direto com a natureza possibilitado por estas práticas, permite maior reflexão por tais espaços, já que o contato com as águas, as rochas, o sol, o vento, as plantas e os animais ampliam e desenvolvem as capacidades lúdica e poética e o senso estético (LAVOURA; SCHWARTZ; MACHADO, 2008 p.120).

As emoções vivenciadas nas práticas corporais na natureza revelam um sentido de reaproximação do homem com a natureza, podendo contribuir na descoberta de seus íntimos segredos, visto que a natureza desconhecida permite ao homem experiências que revelam compreensões acerca dos diversos significados da vida (SILVA, FREITAS, 2010, p.226).

O mar – como aliás, a montanha, o deserto ou a floresta – torna-se a via privilegiada de um mundo de sentido reconquistado em que o homem, contando apenas com seus recursos físicos e morais em circunstâncias que ele mesmo escolheu, traz novamente encanto à sua

existência, guarda sensações, emoções e forja sua mitologia pessoal (LEBRETON, 2007 p.12).

Notemos que a linguagem romântica presente nos artigos parece utilizar uma interpretação mais fina para dar voz às racionalizações dos atores sociais e as suas racionalizações sobre o risco.

**c) A fuga da rotina**

Outro discurso presente na produção acadêmica sobre o risco no esporte é a busca pelo risco está associado com uma fuga dos centros urbanos e da rotina das grandes cidades. Os esportes de aventura inserem os indivíduos em espaços, geralmente em contato direto com a natureza, que de uma forma geral não se encontra nas práticas tradicionais

De acordo com Gomes e Isayama (2009), esta fuga está relacionada com a forma que o homem descobriu para se desligar do ritmo e do ambiente tumultuado dos grandes centros urbanos. Pimentel (2008, p.22) reforça este argumento afirmando que seria um passaporte para se perder no tempo e no espaço ou uma forma de “suprimir a rotina do cotidiano”.

Este entendimento de fuga dos centros urbanos busca explicitar que os indivíduos se prontificam a participar de atividades de risco para contrapor a rotina do cotidiano, na medida em que “a vida urbana passa a ser avaliada como insalubre, infectada, comprometida pelo ar sujo e poluído” (DIAS; MELO; ALVES JUNIOR 2007). Vejamos algumas citações:

O envolvimento com estas atividades é frequentemente uma compensação à calma excessiva da sociedade civil, percebida como asséptica e enfadonha. Os riscos deliberados, amadurecidos, tal qual

lazer unânime, são reivindicados pelos atores como uma maneira de reencontrar o tempero da vida em uma sociedade excessivamente protetora (LEBRETON 2007, p.11).

Estas atividades despertam o interesse do homem de reaproximar-se com a natureza ao encontro de novos significados (SILVA; FREITAS, 2010 p.221).

A busca por vivências de lazer na natureza caracteriza-se por envolver uma sociedade afastada do contato com o meio ambiente natural, constituída por indivíduos urbanos e que sentem falta de um espaço para explorar sensações diferentes das do cotidiano (GOMES; ISAYAMA, 2009, p.77).

Podemos também perceber que as práticas de aventura na natureza possuem novas funcionalidades para os indivíduos, na medida em que consegue aliar a prática de atividade física com as atividades turísticas (GOMES; ISAYAMA, 2009).

Outro argumento presente nos textos é a afirmação de que a busca pela natureza é um resultado da modernidade devido ao contato ao ar livre que estas práticas proporcionam. Alguns autores (MARINHO, 2001; PEREIRA, 2005) apontam que a busca pelos esportes de aventura teria provocado uma procura crescente do contato com a natureza, resultando em um elevado número de clubes dedicados à organização de atividades de lazer na natureza. Notemos que os esportes convencionais sempre compreenderam o uso de espaços ao ar livre, um sentido de autorrealização, individualismo e assim por diante (DIAS, 2009). Entretanto, parece existir um valor agregado distinto quando comparamos o esporte de aventura com as demais práticas consideradas convencionais.

#### **d) A consciência ecológica**

Outro ponto de destaque nos artigos analisados é a tendência em afirmar que a prática destes esportes, por si só, demandaria uma atitude de preservação da natureza.

Não podemos negar que esta prática possa produzir reflexibilidade, mas apontando que, enquanto pesquisadores, os autores dos artigos analisados constroem uma série de afirmações sem evidências empíricas. Tahara; Carcineli Filho e Schwartz (2006) ao investigar um grupo de praticantes de esportes de aventura verificaram que 31% dos entrevistados apontaram que o principal significado de participar destas atividades está relacionado a um “momento propício à concreta revisão de valores e atitudes para com si próprio e os demais ao redor” (p.60). Vejamos algumas citações:

É neste jogo de “sensações”, possibilitado pela efetiva relação ser humano-natureza, que surge o espaço para discussão da valorização e preservação do meio ambiente, sensibilizando, tocando e despertando nestes praticantes, atitudes e condutas preservacionistas (LAVOURA; SCWARTZ; MACHADO, 2008, p. 120).

[a] prática das atividades de aventura, na conciliação com a natureza, parece oportunizar o resgate da subjetividade, do sensível, do estético e das emoções (LAVOURA; SCWARTZ; MACHADO, 2008, p. 121).

As práticas corporais na natureza surgem com o sentido de comunhão, levando o homem a reencontrar-se como parte integrante da natureza desconhecida (SILVA; FREITAS, 2010, p.228).

De fato, o argumento de valorização do meio ambiente é um discurso presente na modernidade. Dias (2009) descreve este discurso como ecologização social. De acordo com Dias, há na sociedade uma tendência de ações que visem o ecologicamente correto. Esta postura está presente desde uma preocupação mais ampla com camada de ozônio e a preservação de florestas e reciclagem, chegando a sua maior radicalização na construção de um campo de vendas de produtos que agridem menos o meio ambiente.

Podemos perceber que este debate da ecologização social é responsável por construir novos hábitos de consumo, gerando novas sensibilidades na população. Neste contexto, o campo esportivo acaba sendo um dos campos de reflexão sobre tais

sensibilidades ecológicas. Logo, os esportes de aventura que se utilizam da natureza acabam sendo, também, entendidas como um instrumento e reflexão sobre a consciência ecológica. Notemos que os autores assumem uma postura otimista e politicamente correta em relação às novas demandas sociais relacionadas à preservação do meio ambiente. Se os esportes de aventura proporcionam realmente uma consciência preservacionista ou ecológica isto deveria ser explicado com exemplos concretos. Não apresentar isto aos leitores é apenas formular conceitos gerais e prescritivos sobre o esporte de aventura sem explicar os significados sociais dessas práticas.

Ao realizar esta crítica não estamos de forma alguma negando a potencialidade de flexibilidade que os esportes de aventura podem provocar em seus praticantes, mas apenas apontar que nem sempre este fenômeno poderá ocorrer de forma positiva. É importante que os estudos questionem os impactos negativos que tais práticas e eventos podem causar ao meio ambiente.

De acordo com Costa (1998) embora a dimensão preservacional esteja vinculada sempre de maneira muito positiva às atividades físicas junto à natureza, não podemos perder de vista o risco de um desequilíbrio nos ecossistemas relacionado à construção de infraestruturas de apoio à realização de tais eventos. Geralmente quando a natureza é percebida como um mero cenário para a prática esportiva, o conhecimento e a proteção ambiental num primeiro momento tornam-se irrelevantes (COSTA, 1998).

No mesmo sentido, Vieira (2004) aponta que o surgimento constante de novas modalidades de esportes que utilizam como cenário a natureza, manifestadas sob a vertente do lazer ou da competição, somado ao significativo aumento do número de praticantes, espectadores e infraestrutura pode agravar o quadro de degradação ambiental de maneira significativa. Paixão, Costa e Gabriel (2009) apontam que no

aspecto preservacional, se por um lado pode-se lançar um olhar positivo em relação a esta interação do homem com a natureza através da prática do esporte de aventura, por outro merece atenção, pois o esporte de aventura assenta-se sob a lógica da sociedade de consumo.

A insistência em temáticas com pressupostos positivos se levar em consideração o potencial negativo que a presença dos esportes de aventura pode ocasionar ao meio ambiente pode revelar certo romantismo.

### **Considerações Finais**

Analisando a produção acadêmica sobre o risco no esporte podemos observar principalmente quatro categorias de análise. Esta análise nos possibilita compreender, relativizar e desconstruir o olhar sobre os esportes de aventura.

É possível compreender melhor a busca por tais atividades quando olhamos para como o risco pode ser um catalizador de emoções e tensão agradável e uma forma de fugir da rotina dos centros urbanos. A estabilidade emocional e controle social, que vieram juntamente com o processo civilizador restringiu as possibilidades manifestação das emoções. Desta forma, o esporte tornou-se o principal elemento de escoamento de tensões. Neste sentido, o risco ou simplesmente a possibilidade de ser arriscar são entendidos como forma de buscar tais emoções de forma mais intensa e significativa. Outro fator é a fuga da rotina, pois há poucas vivências de emoções consideradas positivas na rotina das cidades. Portanto, devemos olhar com mais atenção as diferentes formas de apropriações dos indivíduos aos espaços públicos.

Devemos relativizar o debate trazido pela produção acadêmica sobre esportes de aventura que relaciona de forma determinista a prática de esportes de aventura com a

construção de uma sensibilidade ecológica aos praticantes. De fato, o debate sobre a conservação do meio ambiente é um tema na pauta nas discussões sociais em todo mundo. Não estamos negando que o engajamento em atividades esportivas podem levar indivíduos a refletirem sobre valores ecológicos, mas não podemos criar uma relação tão determinista.

Por último, devemos desconstruir a ideia de que indivíduos que praticam esportes de aventura são loucos ou viciados em adrenalina que desconhecem o risco pelos quais se submetem. Todos os artigos apresentam uma racionalização dos participantes sobre os riscos que os esportes de aventura possuem.

Neste sentido, encorajamos que sejam realizadas demais pesquisas que busquem analisar os esportes de aventura que continuem dando a voz aos indivíduos que o realizam, buscando uma compreensão destas práticas para os indivíduos. Porém, tais análises devem relativizar as falas e experiências buscando não construir análises deterministas. Assim conseguiremos desconstruir ideias muitas vezes construídas no imaginário a partir de experiências restritas que não representam o todo.

## REFERÊNCIAS

- BECK, U. **Risk society: Towards a new modernity**. Londres: Sage Publications, 1992.
- CARVALHO, R. G; PEREIRA, A. L. Percursos alternativos: o parkour enquanto fenômeno (sub)cultural. **Revista portuguesa de ciência do desporto**, v.3, n. 8, 2008. p.427-440.
- COSTA, V. L. M. As Representações de Aventura e de Espaço Lúdico entre Praticantes de Atividades Físicas e Esportivas de Risco e Aventura na Natureza - Estudo do Núcleo Central. In: **Representação Social do Esporte e da Atividade Física - Ensaios Etnográficos**. Brasília: INDESP, v.1, p.53-66, 1998.
- DIAS, C. A. G. Esporte e ecologia: o montanhismo e a contemporaneidade. **Revista de história do esporte**, v.2, n.1, jun. 2009.

DIAS, C. A; MELO, V. A; ALVES JUNIOR, E. D. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. **Revista Portuguesa de ciência do desporto**, v. 7, n. 3, 2007, p.358-367.

DICKSON, T; DOLNICAR, S. **No risk, no fun**: the role of perceived risk in adventure tourism. Research online: Wollongong, 1-11, 2004.

DOUGLAS, M; WILDAVSKY, A. **Risk and culture**: An essay on the selection of technological and environmental dangers. Berkeley: University of California Press, 1982.

ELIAS, N. **A busca da excitação**. Difel: Lisboa, 1992.

FERREIRA, M. S. “Navegar é preciso, viver não é preciso”: risco no discurso da vida ativa. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.2 p.349-357, 2009.

GIDDENS, A. **Identidade e modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOMES, O. C; ISAYAMA, H. F. Corridas de aventura e lazer: um percurso analítico para além das trilhas. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n.1, p.69-78, 2009.

LAVOURA, T. N; SCHWARTZ, G. M; MACHADO, A. A. Aspectos emocionais da prática de atividade de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos. **Revista Brasileira de educação física e esporte**, São Paulo, v.22, n.2, p.119-127, 2008.

LEBRETON, D. Aqueles que vão para o mar: o risco e o mar. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Campinas, v.28, n.3, p.9-19, 2007

LOVISOLO, H. Sociologia do esporte: viradas argumentativas. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26, Caxambu. **Anais...** Caxambu: s\ed, 2002.

LUPTON, D. Introduction: Risk and sociocultural theory. In: LUPTON, D. **Risk and sociocultural theory**: new directions and perspectives. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MARINHO, A. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v.2, n.2, p.143-153, jan., 2001.

\_\_\_\_\_. Lazer, aventura e ficção: possibilidades para refletir sobre as atividades realizadas na natureza. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 01-12, 2009.

\_\_\_\_\_. Lazer, aventura e risco: reflexões sobre as atividades realizadas na natureza. **Movimento**, Porto alegre, v.14, n. 02, p.181-206, 2008.

PAIXÃO, J. A.; COSTA, V. L. M.; GABRIEL, R. E. C. D. Esporte de aventura e ambiente natural: dimensão preservacional na sociedade de consumo. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.2, p.367-373, 2009.

PEIL, L; LOVISOLO, H. Romantismo, esporte e cinema: Bobby Jones – a lenda do golf. **Movimento**: Porto Alegre, v.16, n. 2, p. 289-380, 2010.

PEREIRA, A. L. O alpinismo: uma experiência no (pelo) corpo. **Revista Portuguesa de Ciência do desporto**. v.3, p.311-321, 2005.

PIMENTEL, G. G. A. Percepção dos riscos, condicionamento corporal e interações sociais no vôo livre. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v.13, n.2, p-45-59, 2010.

\_\_\_\_\_. Ritos e riscos na prática do vôo livre. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.14, n.3, p.13-32., 2008.

ROCHA, V. M. B.A.S.E jump, risco e emoção: uma experiência para dar sentido à vida. **Revista esporte e sociedade**, ano 3, n.8, mar/Jun, p.1-30, 2008.

SILVA, P. P. C; FREITAS, C. M. S. M. Emoções e riscos nas práticas na natureza: uma revisão sistemática. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n.1, p. 221-230, 2010.

SPINK, M. J. P. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Cadernos de saúde pública**, Rio de Janeiro, v.17, n.6, p.1277-1311, Nov-dez, 2001.

TAHARA, A. K; CARNICELLI FILHO, S; SCHWARTZ, G. M. Meio ambiente e atividades de aventura: significados de participação. **Motriz**, Rio Claro, v.12, n.1, p. 59-64, 2006.

VIEIRA, V. **Desenvolvimento de um instrumento de identificação de impactos ambientais em práticas esportivas na natureza (impac-ambes)**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana) Universidade Castelo Branco. PPGCMH/UCB Rio de Janeiro, 2004.

### **Endereço dos Autores:**

Diego Luz Moura  
Universidade Federal do Vale do São Francisco  
CEFIS - Educação Física  
Avenida José de Sá Maniçoba - Centro  
Petrolina - PE - 56.304-205  
Endereço Eletrônico: lightdiego@yahoo.com.br

Marcos Santos Ferreira  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Centro de Educação e Humanidades  
Instituto de Educação Física e Desportos  
Rua São Francisco Xavier, 524 - Bloco F - sala 8121 - Maracanã  
Rio de Janeiro - RJ - 20.550-900  
Endereço Eletrônico: msantosferreira@uol.com.br

Antônio Jorge Gonçalves Soares  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Faculdade de Educação  
Avenida Paster 250, fundos - Urca  
Rio de Janeiro - RJ - 22.290-240  
Endereço Eletrônico: [ajsoares@globocom](mailto:ajsoares@globocom)